

# **Título: Evasão Escolar: desigualdade e exclusão social**

Processo de Produção do Conhecimento: Resultado de Investigação Finalizada.

GT: GT 08 - Desigualdade, vulnerabilidade e exclusão social.

Autores: BORJA, Izabel Maria França de Souza  
BORJA, Oscar Rodrigo Pessoa

## **RESUMO**

O objetivo desse trabalho é investigar a evasão em programas educacionais apresentando as razões que levam o aluno à evasão escolar, depois de aderir a um programa educacional que apresenta como objetivo central a certificação no ensino fundamental, através de uma formação integrada aos eixos escolarização, qualificação profissional e ação comunitária. Tal investigação se deu por meio de entrevistas semiestruturadas com professores e egressos do ProJovem Urbano do Município de Carmópolis/Sergipe/Brasil. Assim, o presente trabalho objetiva apresentar considerações acerca do conceito de evasão e dos procedimentos utilizados para a investigação desse fenômeno, buscando oferecer subsídios para uma reflexão crítica, a respeito dos programas educacionais de governo que não são suficientes para amenizar as taxas de fracasso ou evasão escolar.

**Palavras-chave:** Evasão Escolar. Políticas Educacionais. Exclusão Social.

## **INTRODUÇÃO**

A evasão escolar vem sendo observada em diversos ambientes e níveis educacionais, tornando-se questão de debates e reflexões no âmbito da educação brasileira. De acordo com Zagury (2006), resultados de avaliações nacionais e internacionais evidenciam que o Brasil ainda não consegue democratizar, igualmente, o saber. Para Charlot (2005), o insucesso escolar pode ser explicado através da análise da relação existente entre a linguagem, a cultura e o saber. Para tanto, o investigador enfatiza que para se entender as causas do fracasso e do abandono escolar, deve-se levar em consideração, também, a história do sujeito, de sua construção e de suas transformações. Dessa maneira, a problemática da evasão escolar ocupa espaço de relevância no cenário das políticas públicas e da educação em particular. Marchesi (2006) acredita que as dificuldades encontradas no sistema educacional são oriundas, em sua maioria, das “(...) próprias contradições que, sem dúvida, se tornam mais visíveis e, inclusive, se agravam no momento atual.” (Idem, p. 15)

Mas, então, de quem é a culpa? Zagury (2006, p. 12) acredita que se atribuem “culpas” quase sempre calcadas em opiniões pessoais e em impressões da verdade, ou seja, na maior parte das vezes, não são realizados estudos concretos que fundamentem tais opiniões. Marchesi (2006) acredita que o sistema educacional, ao longo de suas diferentes etapas, estabelece filtros que conduzem à seleção dos melhores, deixando de fora os menos capazes. Gusso (1998) aponta que o insucesso escolar está relacionado a fatores sociais, econômicos e culturais, como a pobreza e a exclusão social.

Programas Governamentais que facilitam o acesso às instituições de ensino como o Programa Brasil Alfabetizado, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, os Programas de Ensino a Distância – UAB, o Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos – PNLA, o Programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA, os Programas de Educação Profissional, embora criados com o objetivo de facilitar e estimular o ingresso ou o retorno do indivíduo ao ambiente educacional, não são suficientes para amenizar as taxas de fracasso ou a evasão escolar. Para Zagury (2006), contudo, nenhum projeto a ser implementado deveria possuir objetivo político, portanto não poderia ser

interrompido, exceto se apresentasse resultados negativos, o que permitiria que distorções, dificuldades, problemas e desvios fossem detectados e corrigidos. “Façamos da educação uma ciência. Um trabalho que permaneça acima e além dos interesses pessoais, políticos ou partidários. Em que não se manipulem dados, não se escamoteiem objetivos, nem se admita tergiversação.” (Zagury, 2006, p. 15)

Diante desse contexto excludente que se perpetua, o Governo Federal Brasileiro lançou, em 2005, a Política Nacional da Juventude, que promoveu a criação da Secretaria Nacional de Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem (educação, qualificação e ação comunitária); na tentativa de romper o ciclo de reprodução das desigualdades e restaurar a esperança da sociedade, no que diz respeito ao futuro brasileiro (Manual do Educador, 2008).

Nesse sentido, a presente pesquisa visa a contribuir com as questões relacionadas ao processo de evasão, para um melhor conhecimento sobre a temática. Em função disso, esse estudo teve como objetivo investigar a evasão nos programas educacionais, em especial a dos alunos do ProJovem Urbano, do Estado de Sergipe, (programa que teve seu início em abril de 2009, concluído em Outubro de 2010), realizado no Município de Carmópolis (comunidade que apresentou maior índice de evasão no Estado) buscando, em especial, a partir da percepção dos egressos, oferecer subsídios para uma reflexão crítica a respeito dos principais fatores que levam à evasão escolar.

Partindo da questão: O que leva o aluno, depois de aderir ao programa ProJovem Urbano, voltar a abandonar a escola?, a presente pesquisa objetiva compreender as razões que levam um aluno à evasão escolar e o impacto dessa decisão em sua vida, a partir da percepção dos egressos do programa ProJovem Urbano, realizado no município de Carmópolis/Sergipe.

Por fim, o trabalho apresenta as conclusões que ajudam a perceber as conexões ocultas entre os agentes envolvidos na pesquisa a fim de, mediante os resultados obtidos, contribuir para o desenvolvimento de outros estudos sobre a evasão, particularmente sobre os motivos que levam à evasão, de acordo com a percepção dos egressos, visando à elaboração de programas interventivos que auxiliem na redução dos índices de evasão.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Com o final da Segunda Guerra Mundial, início da Guerra Fria, os direitos humanos foram violados e sacrificados, em prol do desenvolvimento do sistema capitalista de acumulação e da complacência para com os autoritários; o que tornou os direitos humanos linguagem suspeita de emancipação. Diante desse cenário, a crise que caracteriza e afeta a atual condição sociocultural tem como fator-chave a política de direitos humanos; que fortalece as políticas emancipatórias através da regulação social. Tal afirmativa demonstra o desequilibrado desenvolvimento tanto da emancipação quanto da regulação fazendo com que a ciência moderna contribua com a construção e reconstrução de modelos renovados da modernidade eliminando e agravando seus défices e excessos. “Considera-se a importância do contexto nacional e do sentido que as suas características conferem ao modelo globalizado de modernização para explicar por que a tendência homogeneizante da regulação internacional é mitigada por preocupações de cariz emancipatório.” (Teodoro & Aníbal, 2007, p. 1).

Diante desse contexto, “como é que a ciência moderna, em vez de erradicar os riscos, as opacidades, as violências e as ignorâncias, que dantes eram associados à pré-modernidade, está de fato a recriá-los numa forma hipermoderna?” (Santos, 2000, p. 56). Para Teodoro (2003) é a partir século das Luzes (XVIII), em decorrência de profundas transformações econômicas, sociais e políticas, que são exigidas rupturas no campo educativo e na vida social. Ao longo do século XIX “a escola é transformada num elemento central de homogeneização linguística e cultural, de invenção da cidadania nacional, em suma, de afirmação do Estado-nação” (Idem, p. 49).

A evasão escolar ainda ocupa, nos dias atuais, espaço relevante no cenário das políticas

públicas e da educação em geral. Em face disso, as discussões acerca dessa problemática, têm tomado como ponto central de debate o papel, tanto da família, quanto da escola relacionado à situação acadêmica do educando.

No que concerne à educação, a legislação brasileira determina a responsabilidade da família e do Estado, no dever de orientar o educando em seu percurso socioeducacional. Canário (2006) faz-nos refletir, criticamente, acerca da educação no decorrer do século XX, marcado por mudanças que atingiram o setor econômico, político e social, observando, automaticamente, que a instituição escolar, por tornar-se único ponto de referência de qualquer ação educativa, imortalizou formas de ensino e aprendizagem, tornando-a refém de reformas escolares. O investigador acredita que a escola passou do contexto de certezas (escola elitista que funcionava como base para inserção do cidadão na divisão social do trabalho), para um contexto de promessas (escola de massas que evidenciou a reprodução das desigualdades sociais), inserindo-se, atualmente, em um contexto de incerteza (escola fadada a nutrir os processos de exclusão): A ruptura com a experiência não escolar do aluno, o subestimo ao saber do aluno e a tendência de ensinar soluções traduzem o déficit do trabalho escolar e, por conseguinte, a relação negativa com o saber.

Marchesi (2006) corrobora com essa mesma opinião, e complementa afirmando que a trajetória educacional do aluno está diretamente ligada ao tipo de sociedade na qual está inserido. Em outras palavras, o autor acredita que o conhecimento das características sociais do aluno, ajudará a compreender porque ele apresenta riscos de ter problemas na escola.

De acordo com a Comissão Especial de Estudos sobre Evasão (1996), define-se evasão como a saída do aluno de seu curso de origem, sem concluí-lo. Para Marchesi e Gil (2004, p. 48), fracasso e exclusão escolar “representam dois fatos ou situações que, no linguajar corrente, costumam ser denominados analfabetismo, não acesso à escola, reprovação, repetência, defasagem nos estudos, evasão, etc.”

Autores como Brandão, Baeta e Rocha (1983), citando Gatti, Patto, Costa, Kopit e Almeida (1981) e Ferraro (1975), apontam que os estudantes de nível socioeconômico mais baixo têm um menor índice de rendimento e são mais tendentes à evasão. Em face disso, a má-alimentação é apontada como um dos fatores responsáveis pelo fracasso de parte dos alunos. A desnutrição é uma das principais causas de alteração no desenvolvimento mental e no desempenho escolar.

Nos dias atuais, a escola, para cumprir seu papel, deve adaptar-se à diversidade dos alunos que a frequenta, uma vez que essa é a exigência imposta pela sociedade. Cada estudante é um indivíduo e a sua origem socioeconômica e cultural influencia a forma de ser e de estar. A escola precisa ser capaz de prevenir situações que levam à exclusão ou à segregação dos alunos, sobretudo dos que são provenientes de meios sociais problemáticos já que estes, na maioria dos casos, manifestam desinteresse, mau comportamento e agressividade. Tais situações levam-no ao insucesso escolar e, conseqüentemente, muitas vezes, à evasão.

Algumas pesquisas apontam fatores vinculados às motivações, às heranças genéticas e à capacidade dos alunos para explicar o fracasso escolar; outras apontam os fatores sociais e culturais que se tornam favorecidos pelo fato do fracasso escolar, uma vez que este é mais acentuado em zonas socialmente desfavorecidas e; outras ainda apontam o sistema educacional, o funcionamento das escolas e o estilo de ensino dos professores como causas primordiais para explicar o fracasso escolar (Marchesi, 2006)

A evasão, independentemente das causas para o seu acontecimento, seja em instituições de ensino público ou privado, é um fenômeno social complexo (Baggi, 2010) que provoca graves conseqüências sociais, acadêmicas e econômicas. Scali (2009) acredita que as causas que levam à evasão em instituições de ensino superior estão associadas a três amplas categorias, baseando-se no relatório elaborado pela Comissão Especial de Estudos da Evasão (Brasil, 1994): a) fatores referentes às características individuais dos estudantes; b) fatores internos às instituições; c) fatores externos às instituições.

## MÉTODO

A estratégia de investigação selecionada – o Estudo de Caso – situa a orientação metodológica da investigação, investigação qualitativa, e inclui, ainda, uma descrição dos procedimentos do estudo.

Ao optar pela realização de um Estudo de Caso, como refere Lima (1998), o investigador procurou desenvolver um conhecimento intenso e detalhado de um caso único, ou de um pequeno número de casos relacionados de modo a aprender sobre o caso, a partir de um conhecimento compreensivo obtido através de descrições extensivas e análises deste, tomado como um todo e num contexto devidamente descrito.

Assim sendo, esta investigação privilegiou o método do estudo de caso exploratório e descritivo. Exploratório porque objetivou proceder a uma sondagem de ideias, possibilitando variados aspectos relativos ao fato estudado. Descritivo porque objetivou a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre as variáveis.

A opção pela abordagem qualitativa justificou-se na medida em que nos permite descrever e interpretar, de forma pormenorizada, a realidade em estudo; privilegiando, as interpretações que dela fazem os diferentes atores convocados. Para, além disso, tratar-se de uma investigação que implica na presença do investigador nos contextos sociais em estudo e o contato direto com as pessoas, as situações e os acontecimentos. Considerando-se o tipo de abordagem do problema, a presente pesquisa é classificada qualitativa, uma vez que a mesma almeja interpretar o fenômeno da evasão e atribuindo-lhe significado.

Segundo Richardson (1999), a fração mínima de dez por centos (10%) da população da pesquisa tem uma probabilidade aceitável de ser representativa. Assim sendo, considerando N como o tamanho da população de egressos (nesse caso N= 200 egressos), foram entrevistados vinte (20) egressos. Os educadores do ProJovem Urbano do Município de Carmópolis também compuseram o quadro de sujeitos dessa pesquisa: cinquenta por cento (50%) dos educadores do ProJovem Urbano do município de Carmópolis, totalizando sete (07).

As entrevistas direcionadas aos egressos do programa estudado foram semiestruturadas e partiram da pergunta central: “pense em algum problema que aconteceu em sua escola e diga como foi resolvido”. A partir da resposta do entrevistado, o entrevistador fez perguntas visando ao esclarecimento das respostas dadas pelo entrevistado abordando três macro contextos da experiência do egresso: a) Primeira Escolha - questões abordando a forma como o aluno escolheu o curso, as expectativas existentes em relação ao curso e à profissão; b) Vivência Acadêmica - questões relativas à adaptação ao curso e aos colegas, à rotina de atividades desenvolvidas pelo aluno e ao desempenho escolar; c) Evasão, Situação Atual e Possíveis Intervenções - questões relativas à decisão de sair, à avaliação da decisão tomada e às possíveis intervenções que teriam sido úteis durante o curso.

As entrevistas direcionadas aos educadores também foram semiestruturadas e objetivaram refutar ou não as informações extraídas das entrevistas dos egressos, participantes principais dessa pesquisa.

Como dissemos acima, nesse trabalho de investigação foram feitas entrevistas semiestruturadas ou, na terminologia de Bell (2002, p. 122) “entrevistas guiadas ou focalizadas”, ou ainda, como dizem Bogdan e Bilken (1994, p.134), “uma entrevista consiste numa conversa intencional entre duas pessoas com o objetivo de obter informações”, com uma série de cambiantes e pormenores bem evidenciados pelos autores que acabamos de citar.

## RESULTADOS

As entrevistas, depois de realizadas e transcritas, foram lidas cautelosamente, a fim de se construírem as categorias, que, segundo Bardin (2004, p. 119) têm o objetivo de “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”, permitindo, assim, conhecer índices invisíveis ao nível dos dados brutos. Desse modo, como afirma a autora, um conjunto de boas categorias deve possuir características como o da exclusão mútua, o da homogeneidade; o da pertinência; o da objetividade e fidelidade e o da produtividade (Bardin, 2004).

Para cada questão, foram arroladas todas as respostas dos entrevistados para, desse ponto, proceder à leitura das mesmas visando à identificação de similaridades nos aspectos temáticos e à elaboração das categorias que abrangessem as mesmas. Em seguida, contou-se com a frequência de respostas em cada categoria.

A análise das questões, as quais questionavam acerca dos motivos e/ou dificuldades que impediram o aluno de continuar estudando; da relação professor x professor, professor x aluno e aluno x aluno; da avaliação e da temática da evasão, resultou em três temas: contexto familiar, contexto social e contexto escolar, de acordo com o Quadro 01 (ANEXO 01). Ao primeiro tema, contexto familiar, incluiu-se a categoria família e, a esta categoria foram criadas as subcategorias: alimentação; relação com o companheiro, pais e filhos e deficiência cultural. No segundo tema <contexto social> foram criadas as categorias trabalho e deficiência cultural e, a estas categorias foram criadas as seguintes subcategorias: emprego/desemprego; transporte; drogas e dificuldades no processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, para o terceiro tema <contexto escolar>, foram criadas as categorias percurso acadêmico; relação entre pares; relação entre classes; violência e professor, e, para essas categorias, foram criadas as seguintes subcategorias: falta de interesse dos alunos; linguagem utilizada; relação professor x professor; relação aluno x aluno e relação aluno x professor; violência na escola; violência da escola; violência doméstica; prática pedagógica; professor e conteúdo programático.

### Resultado das entrevistas com os professores entrevistados

Os resultados das entrevistas realizadas com os professores do ProJovem Urbano de Carmópolis apontaram suas percepções sobre a temática da evasão nesse município. Por se tratarem de entrevistas semiestruturadas, os questionamentos foram regidos com base em critérios previamente fundados, mas sem a preocupação da standardização. Participaram da pesquisa 07 (sete) docentes, de um total de 14 (quatorze) existentes.

#### *Fatores externos*

De acordo com os professores entrevistados, a falta de visão acerca dos retornos financeiros futuros é um dos fatores que leva o aluno a interromper seu percurso acadêmico nos baixos níveis educacionais para trabalhar. Vinte e nove por cento (29%) dos professores, acreditam que os alunos pretendem inserir-se na vida profissional ativa. Mas, nem sempre a opção de ingressar no mercado de trabalho é uma opção deliberada. Contudo, assim como afirma Madeira (2006, p. 134), os alunos “confrontados com a necessidade de trabalhar, por motivos sociais e dificuldades escolares, não rejeitam definitivamente a ideia de continuar a estudar mas apenas adiam esse projecto.”

A família também foi apontada pelos professores, como um dos determinantes da evasão escolar. Vinte e dois por cento (22%) acreditam que ora por suas condições de vida, ora por não serem estimulados a desempenhar as atividades escolares, os alunos acabam desistindo e abandonando a vida acadêmica. Por se tratarem de famílias com baixo nível educacional e baixa renda familiar possuem pouca ou nenhuma disponibilidade de recursos acessíveis. Para Marchesi e Gil (2004, p. 78) “o nível de estudo dos pais, mesmo exercendo uma grande influência, não chega a

determinar por si só o desenvolvimento linguístico (...).” Em outras palavras, o autor acredita que para analisar a relação ambiente familiar e ambiente escolar é necessário analisar a forma de transmissão do capital cultural de um ambiente para o outro, visto que o que realmente interfere na vida acadêmica do aluno é o apoio dos familiares.

As diferenças existentes entre o contexto do aluno e o contexto da escola (contexto sociocultural) também é outro fator determinante para o fracasso e evasão dos alunos, na opinião dos entrevistados; vinte e um por cento (21%). Marchesi e Gil (2004, p. 19) acreditam que os “conhecimentos iniciais do aluno no começo de uma etapa educacional têm um alto poder de previsão sobre os resultados ao término da mesma”.

Contudo, os autores salientam, também, que a autoestima do aluno pode ser influenciada tanto social (autoconhecimento social, aceitação pelos iguais, confiança, relações sociais e bem estar social) quanto academicamente (rendimento acadêmico e avaliação de suas aprendizagens).

Para os entrevistados, vinte e um por cento (21%), alguns jovens têm um histórico escolar marcado pelo insucesso e assim, sentem-se desmotivados perante a escola caracterizando a modalidade educativa como uma oportunidade impossível. Desse modo, esses jovens que optam pelo abandono escolar deixam o sistema educacional sem as qualificações necessárias para ingressar no mundo do trabalho e assim, ocupam os empregos menos qualificados ou, pior ainda, engrossam as fileiras dos desempregados, já que, frequentemente, “o insucesso na escola prefigura o insucesso no mercado de trabalho.” (OCDE, 1989, p. 116 cit. por Madeira, 2006, p. 125)

### ***Fatores Internos***

De acordo com trinta e três por cento (33%) dos entrevistados, alguns alunos apresentavam grandes dificuldades de aprendizagem e se sentiam desestimulados em continuar estudando, desistindo do curso sem ter concluído, algumas vezes, na etapa inicial da adaptação. Segundo Marchesi (2006) a autoestima do aluno (seu valor pessoal e sua capacidade) é uma dimensão psicológica que tem relação com sua dificuldade de aprendizagem. O autor diz que a autoestima do aluno resente quanto existem experiências negativas e/ou pouco positivas (problemas de aprendizagem) e quando esse aluno sofre críticas por parte dos professores e colegas de escola.

Quarenta e cinco por cento (45%) dos professores apontaram a escola como um ponto crucial para a evasão. Segundo os entrevistados, a linguagem, a violência e a precariedade de materiais para o bom andamento e desenvolvimento do programa foram determinantes para aumentar os índices de evasão. Ao contrário do que se esperava, a estrutura física e localização da escola que sediou o programa em Carmópolis, de acordo com os entrevistados não foram fatores que implicassem na decisão de evasão.

Outro fator apontado pelos professores como possível causador da evasão escolar foi os professores. Vinte e dois por cento (22%) dos entrevistados acreditam que professores sem práticas pedagógicas e comprometimento prejudicaram o andamento e desenvolvimento do programa na cidade. Zagury (2006) avalia a atualização permanente do professor para a construção de salas de aulas ricas em debates e discussões embasadas e orientadas culturalmente de fundamental importância para transformar a sala de aula em um local atraente e com discussões motivadoras e atuais, levando o aluno à independência intelectual e capacidade crítica de reflexão.

### **Resultado das entrevistas com os egressos entrevistados**

As entrevistas com os egressos, que objetivavam conhecer as causas que levaram esses alunos a interromperem suas vidas acadêmicas consideraram questões como: 1) dificuldade que impediram de continuar os estudos; 2) expectativas dos jovens quanto ao ProJovem; 3) envolvimento dos alunos em reuniões; 4) relacionamento professor – aluno e aluno-aluno; 5) relevância dos conteúdos trabalhados e 6) sentido da avaliação.

### ***Fatores Externos***

Um dos fatores apontados como causa da evasão, pelos egressos, foi o trabalho. 24% dos entrevistados acreditam que o trabalho deve vir em primeiro lugar. Na perspectiva de Abdalla (2004), trabalhar, para o jovem, além de representar a aquisição de sua própria independência e minimização de conflitos familiares, representa, também, o alimento para o sonhar.

Outros alunos, que por circunstâncias outras (gravidez na adolescência, necessidade de sair de casa e morar sozinho, desentendimento com padrastos e/ou madrastas) iniciaram sua vida adulta precocemente, alegaram que a necessidade de trabalhar era muito mais importante que a vontade de voltar a estudar. Marchesi e Gil (2004, p. 149) enfatizam, porém, que os alunos “(...) uma vez fora do sistema educacional, levam consideravelmente mais tempo para conquistarem um emprego estável”.

Os egressos apontaram, também, como fator determinante para interromper a vida acadêmica, as questões relacionadas à família (21%): gravidez na adolescência, parceiros que não aprovavam a ideia de suas parceiras estarem fora de casa à noite; familiares que deixavam claro que ao invés de estudar o aluno deveria estar trabalhando para contribuir com a renda família; cuidar da casa, do marido e filhos ou até mesmo não ter com quem deixar seus filhos para estudar.

Além do trabalho e da família, os egressos apontaram também a dificuldade de entendimento da matéria como fator desestimulante para continuar os estudos. Em outras palavras, os egressos referiam-se à sua dificuldade cultural agravada pela falta de estímulo tanto em casa quanto no ambiente de trabalho (17%). De acordo com Buarque (2011), no Brasil se privilegia a produção material muito mais que a produção cultural. O autor ressalta ainda que a educação “não é orgulho do povo brasileiro, que prefere se vangloriar de sua indústria, agricultura, cerveja, de suas estradas, do carnaval, do futebol, do tamanho dos *shopping centers*.” (Idem, p. 50)

Outro fator que, na percepção dos egressos pode ter contribuído para a evasão foi a existência do uso e negociação de drogas envolvendo os alunos do ProJovem que utilizavam-se do ambiente escolar para comercialização e cobrança de dívidas previamente existentes (20%).

Quatorze por cento dos egressos entrevistados (14%) citaram também como fator crucial para aumentar os índices de evasão no ProJovem Urbano de Carmópolis o preconceito, ou pré julgamento de vizinhos, amigos e/ou outros moradores do município que julgavam e criticavam todos aqueles que fossem identificados como estudantes do ProJovem Urbano.

### ***Fatores Internos***

De acordo com as informações obtidas através das entrevistas, constatou-se a apatia pela instituição escolar ao expressar o desprezo e a descrença pela mesma. Ao se referirem à instituição escolar, esses egressos consideram-na algo ruim, sem valor, sempre ligada à corrupção. Zagury (2006, p. 43) questiona: “Como conciliar tantas mudanças e desafios novos, se as dificuldades mais simples não são sanadas, como turmas grandes e com poucas horas de aulas, por exemplo?”.

Um dos fatores citados pelos egressos foi o professor. Segundo os entrevistados, dezoito por cento (18%), havia professores que não se encontravam motivados, estimulados, dedicados e realmente preocupados com o aprendizado dos alunos. Aliado a esse fator, existia o fato do ProJovem trabalhar temas transversais (AIDS, drogas, sexo, violência, tecnologia, família, cultura, por exemplo) o que deixava alguns professores desconfortáveis, segundo os egressos.

Outro tópico levantado pelos egressos foi o respeito existente nas relações professor – aluno; professor – professor e aluno – aluno. Os egressos percebiam que suas opiniões eram mais respeitadas, ouvidas e consideradas pelos colegas e menos por aqueles que detinham poder decisório (professores e coordenadores do programa).

Outro aspecto levantado pelos entrevistados foi a violência na escola. Os alunos informaram que conflitos e agressões acontecidos dentro e fora dos muros da escola, envolvendo os alunos do programa, foi um fator que determinou a desistência de muitos da vida acadêmica que reiniciava. Vinte e seis por cento (26%) dos entrevistados afirmaram que a ocorrência de conflitos prejudicava as relações positivas necessárias à aprendizagem.

Buarque (2011) é de opinião que a violência existe primordialmente devido à falta de oportunidades decorrentes da inexistência de uma educação universal de qualidade para todos. Tavares dos Santos, Didonet e Simon (1998) definem a violência como sendo um dispositivo de excesso de poder, uma atividade disciplinar que causa um dano social, a qual se instaura, com justificativas racionais, desde a determinação de cicatrizes até a exclusão, seja ela efetiva ou simbólica. É preciso ter consciência de que não é porque um conflito ou agressão que ocorrera na escola deva permanecer nela.

Vinte e cinco por cento (25%) dos egressos entrevistados assinalaram a falta de interesse do aluno com fator determinante da evasão escolar. Para Buarque (2011), a escola pública no Brasil, de forma geral, está em ruínas, uma vez que as famílias, os meios de comunicação, as cidades e o meio no qual o aluno está inserido não são educados o que acabam contaminando e desestimulando a competição entre tanto os educadores quanto entre os educandos.

Outro fator determinante para aumentar os níveis de evasão no ProJovem Urbano de Carmópolis, de acordo com os egressos entrevistados, foi a falta de organização do programa. De acordo com dezessete por cento (17%) dos entrevistados, a coordenação do ProJovem Urbano não cumpriu com responsabilidades básicas necessárias ao bom funcionamento do programa. Marchesi e Gil (2004) acreditam que a definição clara de responsabilidades é fundamental para a conquista de uma coordenação eficiente.

Por fim, os egressos citaram a linguagem utilizada ora tanto pelo professor ora pelo livro didático adotado como fator facilitador para a evasão. De acordo com quatorze por cento (14%) dos entrevistados, a incompreensão da tarefa e/ou a incapacidade de realizá-la desmotivava-os. Marchesi (2006) ressalta que a insatisfação provocada pelo sentimento de incompetência ou mal-estar frente à incompreensão da tarefa ou do conhecimento transmitido pelo professor leva ao abandono.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho procurou analisar os determinantes da evasão escolar, tomando como base o estudo de caso, realizado com um grupo de egressos (20 alunos) e 07 (sete) professores do Programa Educacional de Governo (ProJovem Urbano) realizado no Município de Carmópolis, do Estado de Sergipe, para despontar as causas que corroboram com o fracasso escolar e consequentemente com a exclusão educacional. Atualmente, a definição de fracasso escolar, difundida na sociedade, somente contribui para centrar no aluno o problema do fracasso e esquece-se de responsabilizar, também, os outros agentes e instituições: condições sociais, família, sistema educacional e a escola. (Marchesi & Gil, 2004)

A presente pesquisa, possibilitou perceber que é utópico afirmar, baseando-se apenas na análise matemática dos números de matriculados (400 alunos matricularam-se no ProJovem Urbano da cidade de Carmópolis), que os alunos abraçaram e aceitaram um determinado programa educacional, desprezando a gravidade de existirem alunos, entre os matriculados, que nem sequer sabem ler ou escrever.

Os dados coletados nessa pesquisa reforçam a opinião de autores acima citados, uma vez que os resultados das entrevistas apontaram fatores que foram enquadrados nos temas: contexto familiar, contexto social e contexto escolar.

Buarque (2011) reafirma que o desemprego, no passado, era resultado da falta de investimento, ao contrário, nos dias atuais, a exigência de qualificações para o uso de equipamentos



modernos é o que caracteriza o insucesso no mercado de trabalho. Assim, o autor ressalta que “as agências de empregos recebem diariamente milhares de pessoas, procurando trabalho; a maior parte sai sem conseguir uma posição, e muitas vezes as vagas ficam sem ser preenchidas, por falta de candidatos qualificados.” (Idem, p. 45)

Pela análise descritiva, verifica-se, nos depoimentos dos professores e dos egressos entrevistados, do ProJovem Urbano, de Carmópolis, que múltiplos fatores determinantes da evasão criam barreiras para manter um clima de estabilidade e de coerência educacional. Se o futuro de um povo está em como suas crianças são educadas, o que pode se esperar de comunidades onde as escolas públicas estão em ruínas, as famílias desarticuladas, os meios de comunicação não têm compromisso com a educação e a sociedade não incentiva, nem estimula o desenvolvimento educacional?

Enfrentar a desigualdade cultural; reformular a Educação de Base; promover oportunidades de empregos; preservar o meio ambiente; enfrentar a causa financeira; investir na educação sem desigualdades; enfrentar o corporativismo e enfrentar a descontinuidade dos programas educacionais criados pelos governos e seus partidos políticos, são ações que contribuiriam para a diminuição dos altos índices de evasão.

Apesar da iniciativa dos Governos Federal e Estadual, para mitigar a evasão, os dados da pesquisa comprovam que os jovens atravessam a vida educacional como se estivessem passando por um funil de exclusão, de desigualdade e de atraso. Buarque (2011) ressalta que a educação no Brasil, além de pobre e incompetente, é uma fábrica de desigualdades que, ao invés de criar identidades e integração nacional, visando à minimização da evasão escolar, cria, ao contrário, desigualdades que dependem apenas da renda familiar, do nível de escolarização de seus pais ou da cidade onde a criança viva.

A pesquisa por fim confirma que o ensino médio é o gargalo da educação brasileira e isso mostra que pouco, ou quase nada pode ser feito em apenas 10 ou 15 anos. No Brasil, a evasão é um grande desafio. Assim, para extinguir as possíveis causas da evasão escolar é preciso melhorar as condições socioeconômicas, culturais e geográficas através da elaboração de projetos de longo prazo.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Abdalla, V. (2004). *O que pensam os alunos sobre a escola noturna*. São Paulo: Cortez.
- Baggi, C. A. dos S. (2010). *Evasão e Avaliação institucional: uma discussão bibliográfica*. Dissertação apresentada ao Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas para obtenção do grau de mestre, orientada por Doraci Alves Lopes, São Paulo.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Bell, J. (2002). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto.
- Brasil. (1994). *Parecer CEE N.º 170/96 – Comissão Especial – Aprovado em 24.4.96*. Retirado: Agosto, 19, 2010, de [http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/parcee170\\_1996.htm?Time=4/4/2010%2009:32:06%20AM](http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/parcee170_1996.htm?Time=4/4/2010%2009:32:06%20AM).
- Buarque, C. (2011). *A revolução republicana na educação: ensino de qualidade para todos*. São Paulo: Moderna.
- Canário, R. (2006). *A escola tem futuro? Das promessas à incerteza*. Porto Alegre: Artmed.
- Charlot, B. (2005). *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. (B. Magne.: Trad.). Porto Alegre: ARTMED.

- Ferraro, A. R. (1975). *Fatores escolares e não escolares do rendimento no ensino de 1º grau*. (nº 33, pp. 3-64). Estudos Leopoldenses, São Leopoldo (RS).
- Gatti, B. A., Patto, M. H, Costa, M., Kopit, M. & Almeida, R. M. de. (1981). *A reprovação na 1ª série do 1º grau: um estudo de caso*. Cadernos de Pesquisa. 38, 3-13.
- Gusso, D. (1998, abril). *Repetência. A cruel enroscada da repetência. A hora de mudar tudo*. Revista Nova Escola. 10.
- Lima, L. C. (1998). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar – Um Estudo da Escola Secundária em Portugal. (1974-1988)*. Braga: Universidade do Minho.
- Madeira, M. H. (2006). *Ensino Profissional de Jovens: um percurso escolar diferente para a (re)construção de projetos de vida*. Revista Lusófona de Educação. (vol. 7). Retirado: Junho, 08, 2011, de [www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n7/n7a08.pdf](http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n7/n7a08.pdf).
- Manual do Educador. (2008). *Orientações Gerais*. M. U. C. S. (org.). Revisão: Leandro Bertoletti Jardim] – Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem Urbano.
- Marchesi, A. (2006). *O que será de nós, os maus alunos?* (E. Rosa.: Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Marchesi, A. & Gil, C. H. (2004). *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. (E. Rosa.: Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE]. (1989). *O Ensino na Sociedade Moderna*. Porto: Edições ASA.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Santos, B. de S. (2000). *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da inteligência*. Porto: Afrontamento.
- Scali, D. F. (2009). *Evasão nos Cursos Superiores de Tecnologia: a percepção dos estudantes sobre seus determinantes*. Dissertação apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de mestre, orientada por Elizabeth Nogueira Gomes da Silva Mercuri. São Paulo.
- Tavares dos Santos, J. V., Didonet, B. & Simon, C. (1998). *A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola*. In Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (org.). *Violência não está com nada*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação.
- Teodoro, A. & Aníbal, G. (2007). *A Educação em tempos de Globalização. Modernização e hibridismo nas políticas educacionais em Portugal*. Revista Lusófona de Educação. 10, 13-26.
- Teodoro, A. (2003). *Globalização e Educação: Políticas educacionais e novos modos de governação*. Coleção Prospectiva. (vol. 9). São Paulo: Cortez.
- Zagury, T. (2006). *O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. (7ª ed.) Rio de Janeiro: Record.

## ANEXOS

### ANEXO 1

Quadro 01: Categorização das entrevistas relativa aos contextos familiar, social e escolar.

Tema	Categoria	Subcategoria
Contexto familiar	Família	Alimentação
		Relação com os companheiros, pais e filhos
Contexto social	Trabalho	Emprego / desemprego
		Transporte
	Deficiência Cultural	Drogas
		Dificuldades no processo de ensino e aprendizagem
Contexto escolar	Percurso acadêmico	Falta de interesse dos alunos
		Linguagem utilizada
	Relação entre pares	Relação professor x Professor
		Relação Aluno x Aluno
	Relação entre classes	Relação professor x aluno
	Violência	Violência na escola
		Violência da escola
		Violência doméstica
	Professor	Prática Pedagógica
		Avaliação
Conteúdo Programático		

Fonte: Elaboração própria